

LUIS SEPÚLVEDA

# NOME DE TOUREIRO

Tradução de Pedro Tamen

## *Primeira parte*

*Mais tarde ou mais cedo, a vida há de  
aparecer-me à frente e eu salto-lhe ao  
caminho. Como um leão.*

Haroldo Conti, escritor argentino  
desaparecido em Buenos Aires a  
4 de maio de 1976.

# 1

## Terra do Fogo: chimangos no céu

Iluminaram-se os olhos do condutor do *Lucero da la Pampa* quando viu o perfil do cavaleiro à beira do caminho. Já tinha cinco horas de pupilas cravadas na reta da estrada e não se lembrava de outra distração além do par de nandus que espantara com a estridência da buzina. À esquerda, a pampa de capim e arbustos *calafates*. À direita, o mar, passando com o seu incessante murmúrio de ódio pelo Estreito de Magalhães. Nada mais.

O cavaleiro estava a uns duzentos metros e montava um matungo, um cavalo peludo que se entretinha a morder as ervas. O cavaleiro tinha o corpo enfiado num poncho negro que cobria também as costelas do animal, o chapéu gaúcho de aba curta descaído para os olhos, e não mexia um músculo. O condutor parou o autocarro e deu uma cotovelada ao ajudante.

– Acorda, Pacheco.

– Quê? Eu não estava a dormir, chefe.

– Ah, não? Os teus roncões nem deixavam ouvir o motor.

Porra, que sempre me saíste um bom acompanhante.

– É culpa do caminho. Sempre o mesmo. Desculpe. Quer um mate?

– Olha. Aquele velho tonto está a dormir ou adormeceu.

– Só há uma maneira de saber, chefe.

No autocarro viajavam uns poucos passageiros com câibras das muitas horas de caminho. Alguns dormitavam de cabeça inclinada para o peito, e os que iam acordados conversavam enfasiados sobre as desventuras do futebol ou sobre os preços da lã, cada vez mais baixos. O condutor virou-se para eles e, depois de lhes apontar a figura imóvel do homem a cavalo, fez-lhes um gesto para se calarem.

O *Lucero de la Pampa* avançou lentamente, mal girando as rodas, até se deter diante do cavaleiro adormecido. O cavalo, sem se perturbar, continuou nas suas dentadas nas ervas ralas. Cavalo e cavaleiro encontravam-se ao pé de uma curiosa edificação de madeira, pintada de vermelho e amarelo. Era uma espécie de pombal erguido sobre pilares, a metro e meio do chão. O tamanho da construção permitiria que um homem dormisse comodamente lá dentro.

O rouco som da buzina alarmou o cavalo, que ergueu o pescoço, agitou a cabeça de grandes olhos assustados e, ao tentar virar-se de flanco, esteve quase a derrubar o cavaleiro.

– Quietos! Quietos, seu tolo! – gritou desconcertado.

– Acorda, velho tonto! Só por pouco é que não te atropelou! – saudou o condutor por entre as gargalhadas do ajudante e dos passageiros.

– Infame. Malandro. Mal parido! – respondeu o cavaleiro batendo no pescoço do animal para o tranquilizar.

– Não te irrites que pode dar-te uma pataleta. E chega-te para o lado porque temos de meter a correspondência no re-  
cetáculo.

– Trazes alguma coisa para mim, ó rufião?

– Sei lá. Mandam as regras que vás ali procurar.

O ajudante saltou para o chão. Aproximou-se da estranha construção e abriu a porta onde se lia: POSTO POSTAL CINCO. TERRA DO FOGO. Tirou lá de dentro várias caixas, atados de peles e um saco com o símbolo dos Correios chilenos. Subiu com tudo aquilo para o veículo e poucos minutos depois tornou a descer carregando pacotes lacrados e outro saco dos Correios. Depois de ter metido lá dentro os volumes, fechou a porta estrondosamente.

– Vamos lá a ver se alguém se lembra de ti.

O cavaleiro esperou que o *Lucero de la Pampa* se afastasse. Viu-o tornar-se minúsculo na distância, até não passar já de uma referência balbuciante no panorama uniforme da planura. Então esporeou o cavalo e aproximou-se do posto postal.

A carta dizia: «Lamento, Hans. Os mesmos de sempre vão atrás de ti. Encontrar-nos-emos lá no inferno. Teu amigo, UIrich.»

– Bem. Alguma vez havia de acontecer. Há mais de quarenta anos que estou à espera. Venham quando quiserem – murmurou ele enquanto relia a carta que o vento lhe agitava nas mãos.

As esporas de prata tocaram ao de leve nas ilhargas do animal, ordenando-lhe que iniciasse um trote que o tirou do caminho para a pampa do capim, de pastos altos e oleosos que refletiam o sol do meio-dia. De repente, puxou as rédeas para interromper a cavalgada e fincou-se nos estribos a olhar para o céu. Lá muito no alto planava um par de chimangos comedores de carne podre.

– Porque será que estes passarões são os primeiros a farejar as más notícias? – disse ele em voz alta, e logo cravou as esporas dando a ordem de galope.

## 2

### **Berlim: Aufwiedersehen (Adiós, pampa mía)**

«Sei que esta carta tem muitas irregularidades, mas têm de compreender que a memória nem sempre é infalível, e que nenhuma confissão é limpa quando acompanhada pelo lastro da traição.

Atraíçoei um homem, o homem que foi o meu melhor amigo, mas não acho que as emoções ainda tenham lugar neste maldito assunto, de modo que vou expor os factos.

Em 1941, Hans Hillermann e eu servíamos na polícia do Terceiro Reich. Não éramos nazis. Não tivemos qualquer participação destacada na perseguição aos judeus nem na repressão dos opositores. A nossa missão em Berlim consistia em vigiar a porta principal da prisão de Spandau.

Os invernos em Berlim eram e continuam a ser duros. Naquele tempo, as autoridades da prisão tinham arranjado um pequeno quarto aquecido na cave do edifício, onde era costume os guardas desentorpecerem os ossos e beberem de vez em quando uma caneca de café. Eu estava ligado ao Hans por uma longa amizade cimentada em intermináveis partidas de xadrez e no secreto desejo de virmos um dia a emigrar, de partirmos para sempre para um lugar que referíamos como o

último recanto do planeta que prometia: a Terra do Fogo. Reuníamos informações sobre esse longínquo rincão, recortes de crônicas de viajantes, de livros de geografia, que alimentavam a nossa imaginação e os desejos de deixarmos a Alemanha. Eu nasci na Saxónia. O Hans em Hamburgo. Ele conhecia os meios marítimos da sua cidade e repetia-me constantemente que era relativamente fácil embarcar. Tínhamos até um plano de deserção, mas faltava-nos o dinheiro. Assim passávamos longas noites na cave aquecida, movendo as peças no tabuleiro e lamentando-nos da pobreza que nos condenava às fardas.

Uma vez qualquer, já não me recordo quando, estávamos sós e atrevemo-nos a forçar a fechadura de uma porta que dava para uma espécie de adega. Sabíamos que aquela dependência era utilizada por oficiais das SS, que entravam e saíam dali introduzindo ou retirando volumes muito bem empacotados. Violentámos a fechadura com a esperança de encontrar um bom vinho ou uma garrafa de aguardente para alegrar a guarda, mas apenas vimos uns embrulhos leves e estreitos. Com sumos cuidados, abrimos um e deparámos com um quadro. Nem o Hans nem eu tínhamos conhecimentos de arte, mas deduzimos que, se as SS guardavam aquelas pinturas, elas tinham que ser valiosas. Lembro-me de que o Hans disse: “Olha, Ulrich, parece que estamos a aproximar-nos da nossa viagem.”

Atravessámos muitas vezes aquela porta e entregámo-nos à contemplação de diversas obras de arte. E também muitas vezes nos sentimos tentados a levar uma e desertar, mas detinha-nos a amarga verificação de que não sabíamos que fazer com a pintura. Como determinar-lhe o valor? A quem havíamos de vendê-la? Além disso, quando as SS dessem pela falta não lhes seria difícil dar com os ladrões. Adivinhávamos a

enorme riqueza que tínhamos ao alcance da mão, e atormen-tava-nos a nossa ignorância a seu respeito. Assim se passaram vários meses, até que, numa noite de guarda, forçámos mais uma vez aquela fechadura. Encontrámos dessa vez um caixote de madeira muito bem embalado. Abrimo-lo tratando de não dobrar os pregos nem deixar marcas nas tábuas. Lá dentro, entre proteções de estopa, havia uma caixa mais pequena fechada com um forte cadeado de bronze. Na superfície do cadeado lemos: “Lloyd Hanseático, Hamburgo”.

A visão do cadeado foi um poderoso convite a que o abrísemos, e fizemo-lo cientes de que estávamos a dar o passo mais perigoso das nossas vidas. O que encontrámos lá dentro deixou-nos sem respiração: sessenta e três moedas de ouro.

Abraçámo-nos num alvoroço. Aproximávamo-nos enfim da realização do sonho tão longamente compartilhado. O Hans foi o primeiro a recompor-se da euforia. Deixou as moedas na caixa e disse: “Ulrich, temos de partir já. Estas moedas valem mais do que tudo o que podemos imaginar. Vamos embora e depois veremos o que havemos de fazer com elas. Vão revolver céus e terra à nossa procura e, entretanto, quanto mais longe melhor.”

Chegámos a Hamburgo em novembro de 1941. Efetivamente, o Hans tinha contactos com os trabalhadores do porto. Enquanto esperávamos pelo barco que nos havia de tirar dali, soube dele muitas coisas que antes nunca me confidenciara; por exemplo, da sua militância espartaquista e de um irmão que morrera em Espanha a combater com os internacionalistas da brigada Thälmann.

Os espartaquistas do porto esconderam-nos numa casa de Altona.

Passámos ali três semanas à espera do barco recomendado. Viajaríamos no porão de um navio de bandeira chilena,

o *Lebu*, um vapor que lançava ferro duas vezes por ano em Hamburgo, carregado de madeiras. Enquanto esperávamos, lembro-me de lhe ter perguntado se já tinha alguma ideia acerca de como havíamos de vender aquelas moedas. A sua resposta não foi tranquilizadora por aí além: “Esquece-as, Ulrich. Nunca as venderemos. Temos de esperar que a guerra acabe para tratar delas. Veremos então se os donos querem recuperá-las, ou se as fundimos. Receio que se passe muito tempo até podermos gozar os lucros.”

Uma noite a garra tenebrosa chegou até nós.

Não sei se fomos denunciados, ou se a casa onde nos hospedávamos era um objetivo preparado antecipadamente pela Gestapo, mas, no entanto, o Hans conseguiu fugir levando as moedas.

Suponho que não é preciso descrever em pormenor o que padeci em poder da Gestapo. Quando perdi a conta das semanas, ou talvez meses, em que me encontrava nas suas mãos, decidi que o Hans estava forçosamente a salvo, e nas confissões repetidamente ratificadas não fui além de reconhecer a minha cumplicidade no roubo. A minha pequena experiência como polícia ensinou-me que aqueles homens não iriam matar-me sem obter antes a informação que lhes faltava: o paradeiro do meu sócio.

Sabiam o que faziam. Os espancamentos e as torturas sucediam-se sistematicamente, mas sem porem em perigo a minha vida nem a minha saúde mental. Eles sabiam que um louco se lhes escaparia definitivamente das mãos. Suportei quase quatro anos aferrado às três palavras que nunca me saíram da boca e que fixei no meu cérebro como uma tatuagem: Terra do Fogo.

Em junho de 1945 uns soldados russos deram comigo nas caves do quartel-general da Gestapo. Não podia andar.

Uma lesão na coluna inutilizou-me as pernas para sempre. Tiraram-me dali. Vi a luz. Vi Berlim em ruínas. Soube que a Alemanha tinha capitulado, que o Terceiro Reich já não existia, que o pesadelo acabava.

Aos oficiais russos de informações que me interrogaram inventei-lhes uma história. Disse-lhes que tinha sido polícia e que caí em poder da Gestapo devido à minha militância antifascista. Para dar credibilidade à história, citei os nomes dos espartaquistas que nos ajudaram em Hamburgo. Os russos investigaram. Por sorte, todos aqueles homens tinham morrido na guerra e, à falta de testemunhas que contradissem a minha versão, aceitaram-na.

Em princípios de 1946 os russos transferiram-me para Moscovo para receber tratamento médico. Com as pernas não havia nada a fazer, e por isso, depois de passar cinco anos numa cadeira de rodas identificando nazis entre os milhares de soldados alemães prisioneiros, autorizaram-me a regressar a Berlim. Os meus planos eram sair da Alemanha e fazer de qualquer maneira a viagem para a Terra do Fogo. Confiava plenamente em que o Hans conseguira chegar lá, e que me esperava com a minha parte do bolo. Mas um inválido não se movimenta com a mesma celeridade com que pensa, e vi-me transformado em cidadão da RDA, encerrado numa prisão aberta que garantia ser o paraíso socialista.

Em 1955 tive a primeira notícia do Hans. Não sei por que meios conseguiu enviar uma carta de Sidney, talvez algum viajante a tivesse levado. A mensagem era muito lacónica, mas dizia tudo: “Soube que tens problemas de saúde. Estou onde tu sabes. É um bom lugar para recompor os ossos.”

O laconismo da carta desagradou especialmente à Stasi. O pesadelo recomeçou. Ameaças. Pancada. Mais ameaças. Mais pancada. Conheciam perfeitamente a história das moedas e

queriam saber em que cidade da Austrália vivia o Hans. Centenas de vezes me sentaram diante de um mapa da Austrália. Centenas de vezes lhes inventei histórias. Por sorte, a Austrália é um continente. Em suma, vivi a existência da RDA com proibição absoluta de sair de Berlim. Cada carta que recebia era primeiro lida e analisada pela Stasi, e o meu nome era o título de um processo de mais de mil folhas.

Cinquenta anos a guardar o segredo do paradeiro de Hans e das moedas. Cinquenta anos a sonhar com o reencontro e com a possibilidade de desfrutar daquela presa. Quando a RDA se desfez como um castelo de cartas, pensei que chegava enfim o momento ansiado. Disponha de algumas economias, suficientes para comprar uma passagem aérea para a América do Sul, de um passaporte em ordem, e nada nem ninguém me impedia de viajar. Era o que eu julgava até há uns dias ter caído mais uma vez nas mãos de homens armados, nazis de antigamente, depois comunistas, e o diabo que diga o que serão agora.

Intercetaram-me em pleno centro de Berlim dois homens que eu já conhecia. Ex-agentes da Stasi. “Vamos lá. Temos de falar de Hans Hillermann”, disseram eles antes de me arrancar da cadeira de rodas e de me meter num automóvel. Atuaram com grande celeridade e não me deram tempo de gritar a pedir auxílio. Também não pude fazer quando descí, pois tiraram-me do veículo na garagem subterrânea de um edifício e levaram-me no ar até um escritório em cuja porta havia um letreiro de uma imobiliária. Mas consegui ver de uma janela que estávamos na Kurfürsterdamm.

Fui pela primeira vez interrogado por um indivíduo a quem chamam “o Major”. Mostrou-me o volumoso processo com o meu nome e, abanando-se com as folhas, deu-me a entender que, se antes não tinham sido mais drásticos comigo,

fora porque esperavam pacientemente que eu cometesse o grande erro.

E o erro não veio do meu lado. O homem a quem chamam o Major tirou da secretária uma segunda carta do Hans, de texto tão breve como a anterior: “Agora nada impede que venhas. Anuncia a tua chegada para onde sabes. Posto Postal número cinco.” A carta vinha de Santiago do Chile.

Um homem pode suportar muita dor. O assombroso mecanismo do cérebro oferece recantos, regiões de vazio absoluto, onde é possível a gente esconder-se, e fica sempre a opção final de nos deixarmos abraçar pela loucura. Para alcançar estas duas possibilidades é preciso acreditar em “qualquer coisa”, e ver, apalpar, que o silêncio persistente faz com que essa “qualquer coisa” seja inalcançável pelos torturadores.

Ao ler que a carta vinha do Chile percebi que já não tinha nada em que acreditar, e sempre me vi como um alemão atípico, porque sei perder.

Não podia negar ao Major e aos seus homens que o Hans se encontrava no Chile e, se lhes falasse de qualquer região do país como seu paradeiro, tratariam de se documentar sobre todos os postos postais número cinco e acabariam por chegar ao verdadeiro pelo método da exclusão de partes.

Foi assim que atraícoei o meu amigo. Atraícoei, mas, perante a insistência do Major em conhecer o nome de quem nos tinha encomendado o roubo, soube que ainda podia ganhar tempo e complicar-lhe a vitória. Se ele dava como assente que alguém nos tinha mandado roubar as moedas, era porque temia que essa pessoa chegasse antes dele até elas, e a recordação das palavras “Lloyd Hanseático” gravadas no cadeado veio-me à memória como uma carta de trunfo.

Para ganhar tempo joguei o jogo dele, e mencionei o nome do chefe da polícia de Berlim em 1941. Vi então o Major

consultar um computador, e o ecrã ofereceu-lhe dados que pareciam interessantes porque ficou eufórico.

Não sei em que turvos assuntos se terá metido o meu antigo chefe, nem me importa; seja como for, ajudou-me a sair dali. É óbvio que não pensava fugir – como havia de o fazer numa cadeira de rodas? Queria sair dali antes de o Major descobrir que tinha passado por cima de uma pergunta importante: a identidade atual do meu amigo.

Levaram-me para baixo, para a garagem subterrânea, subimos outra vez para o carro, desta vez o Major juntou-se ao grupo e saímos para as ruas de Berlim. “Vais identificar o teu ex-chefe. Só isso. Dizes-nos quem é ele e acaba-se a tua participação nesta história”, disse o Major.

Eu nem sequer me lembrava em pormenor da cara do homem, que só poucas vezes vi durante a guerra, mas disse que sim. O automóvel parou muito perto da estação do Zoo, um dos ex-agentes da Stasi começou a empurrar a cadeira de rodas e, quando vi que estávamos rodeados por dúzias de transeuntes, atirei-me para o chão entre gritos de dor.

Logo acorreram curiosos e pessoas com a intenção de ajudar. “É o coração. Já tive um enfarte”, disse eu, e nem o Major nem os seus homens conseguiram impedir que uma ambulância me tirasse dali.

Encontram-se sempre anomalias num homem de setenta e dois anos, e mais ainda se se trata de um aleijado.

Estou a escrever-lhes do hospital de Charlottenburg. Não de encontrar Hans Hillermann e as malditas moedas de ouro na Terra do Fogo. A única direção de que disponho é a que já citei: Posto Postal número cinco. Oxalá esta carta chegue às vossas mãos e deem com o Hans antes dos homens do Major. O meu amigo chama-se agora Franz Stahl.

Não sairei vivo daqui. Consegui contar a história à polícia e pedir-lhe proteção, mas todo este jogo durou tanto tempo que seria obsceno dar-lhe um final tão estúpido. E tenho a certeza de que o Hans gostará de o jogar até às últimas consequências. A ele, escrevi-lhe simplesmente: “Lamento, Hans. Os mesmos de sempre vão atrás de ti. Encontrar-nos-emos lá no inferno.”

Quando lerem esta carta irei a caminho de lá. Perdi. Perdi sempre. Isso não me irrita nem me preocupa. Perder é uma questão de método.»

*Ulrich Helm*  
*Berlim, fevereiro de 1991*